



## Relato de Experiência de um Trabalho Interprofissional a Partir de uma Extensão Universitária em Saúde Coletiva e Gênero

Francisco Jander de Sousa Nogueira<sup>1</sup>, Antonio Guilherme Martins<sup>2</sup>, Liridy Bruna Rodrigues da Silva<sup>3</sup>, Maria Eduarda Silva Siqueira da Luz<sup>4</sup>, Nayron Vitor do Nascimento Barbosa<sup>5</sup>, Ana Laura Oliveira de Sousa<sup>6</sup>, Francelino Eleutério da Silva Junior<sup>7</sup>, Cesario Rui Callou Filho<sup>8</sup>

**Resumo.** O trabalho interprofissional é uma abordagem colaborativa que reúne profissionais de diferentes áreas para atuar de forma integrada, com o objetivo de alcançar resultados mais eficazes e abrangentes, tornando-se uma prática que promove a troca de conhecimentos, a tomada de decisões conjunta e o fortalecimento de competências complementares, garantindo uma atuação centrada nas necessidades das pessoas, seja no contexto da saúde, educação ou outras áreas. O estudo tem como objetivo principal, relatar uma experiência realizada numa Unidade Básica de Saúde-UBS e uma escola, a partir de uma extensão universitária de saúde coletiva e gênero. Com a prática, foi possível compreender diversos atravessamentos nos dispositivos de campo, principalmente quando pautados na saúde coletiva e as reverberações do gênero. Houveram diferentes construções de perspectivas, como a expansão dos saberes acerca da saúde, desconstruções acerca das diferenciações de gênero, desenvolvimento de práticas para a melhoria da saúde mental e do funcionamento da comunidade a partir das afetações presentes em campo.

**Palavras-chave:** Identidade de Gênero. Saúde Pública. Estudantes.

DOI:10.21472/bjbs.v12n27-012

Submitted on:  
7/6/2025

Accepted on:  
7/7/2025

Published on:  
8/6/2025



Open Access  
Full Text Article



## Report of Experience of an Interprofessional Work Based on a University Extension in Public Health and Gender

**Abstract.** Interprofessional work is a collaborative approach that brings together professionals from different areas to act in an integrated manner, aiming to achieve more effective and comprehensive results. It becomes a practice that promotes knowledge exchange, joint decision-making, and the strengthening of complementary skills, ensuring an approach centered on the needs of individuals, whether in the context of health, education, or other areas. The main objective of the study is to report an experience conducted at a Basic Health Unit (UBS) and a school, stemming from a university extension focused on collective health and gender. Through the practice, it was possible to understand various intersections in the field dynamics, especially when grounded in collective health and the

<sup>1</sup> Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), Parnaíba, Piauí, Brasil. E-mail: jander.sociosaude@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), Parnaíba, Piauí, Brasil.

E-mail: psicologoguilhermemartins@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), Parnaíba, Piauí, Brasil. E-mail: liridybrunapsi@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), Parnaíba, Piauí, Brasil. E-mail: mariaessluz.me@gmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), Parnaíba, Piauí, Brasil. E-mail: nayron.n.n@gmail.com

<sup>6</sup> Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), Parnaíba, Piauí, Brasil. E-mail: analaura.oliveira9235@gmail.com

<sup>7</sup> Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), Parnaíba, Piauí, Brasil. E-mail: francelinojuniorpsi@ufdpar.edu.br

<sup>8</sup> Universidade Estadual do Ceara (UECE), Centro Universitário Ateneu (UniAteneu), Fortaleza, Ceara, Brasil.

E-mail: ruifisio@gmail.com

reverberations of gender. There were different constructions of perspectives, such as the expansion of knowledge about health, deconstructions regarding gender differentiations, and the development of practices for improvement.

**Keywords:** Gender Identity. Public Health. Students

### **Relato de Experiencia de un Trabajo Interprofesional a Partir de una Extensión Universitaria en Salud Colectiva y Género**

**Resumen.** El trabajo interprofesional es un enfoque colaborativo que reúne a profesionales de diferentes áreas para actuar de manera integrada, con el objetivo de lograr resultados más efectivos y completos. Se convierte en una práctica que promueve el intercambio de conocimientos, la toma de decisiones conjunta y el fortalecimiento de habilidades complementarias, asegurando un enfoque centrado en las necesidades de los individuos, ya sea en el contexto de la salud, la educación u otras áreas. El objetivo principal del estudio es informar sobre una experiencia realizada en una Unidad Básica de Salud (UBS) y una escuela, derivada de una extensión universitaria centrada en la salud colectiva y el género. A través de esta práctica, fue posible entender diversas intersecciones en la dinámica del campo, especialmente cuando está fundamentada en la salud colectiva y las repercusiones del género. Hubo diferentes construcciones de perspectivas, como la expansión del conocimiento sobre la salud, deconstrucciones sobre las diferenciaciones de género y el desarrollo de prácticas para.

**Palabras clave:** Identidad de Género. Salud Pública. Estudiantes.

## **INTRODUÇÃO**

De acordo com Andrade et al (2018), a desigualdade de gênero aponta que mulheres e homens não têm as mesmas oportunidades e resultados na vida em sociedade nos vários âmbitos (educação, saúde, trabalho e emprego, família, entre outros), em resultado das relações sociais de gênero que estruturam e condicionam a vida de todos. Concomitante ao exposto, é notório que a presença de discussões acerca de saúde coletiva e gênero ainda é, atualmente, pouco evidenciada, sobretudo no que tange à atenção primária à saúde e ao ambiente escolar.

A partir disso, tendo em vista a importância desse debate, urge a necessidade de ações que corroborem para a produção de diálogos acerca dessas questões emergentes. Sendo assim, de acordo com Da Silva et al. (2022), construções em saúde são favorecidas com o agir coletivo, a prática grupal e os laços afetivos desenvolvidos. Nessa perspectiva, a extensão universitária intitulada “Saúde Coletiva e gênero: interfaces no campo da saúde e educação”, teve como propósito trabalhar questões de gênero em suas diversas concepções e teorias, a partir da integração interprofissional de estudantes de graduação dos cursos de Medicina e Psicologia, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPar.

Com isso, as ações foram desenvolvidas nos territórios da Unidade Básica de Saúde (UBS) Mendonça Clark e na Escola Municipal Godofredo de Miranda, ambas localizadas na cidade de

Parnaíba, no Estado do Piauí. A UBS Mendonça Clark situa-se no bairro Mendonça Clark, e seu funcionamento acontece de segunda a sexta, nos horários de sete horas da manhã até uma hora da tarde, realizando serviços especializados de atenção primária e vigilância em saúde. Além disso, a UBS corresponde a sua atuação no módulo VII.

Do mesmo modo, a escola Godofredo de Miranda tem sua sede no bairro São José, oferecendo o ensino regular, formação de educação de jovens e adultos (EJA) e educação especial. A escola funciona em dois períodos, matutino e vespertino, e de acordo com o Censo Escolar do INEP (2021), existem 230 alunos matriculados, e 11 professores distribuídos entre o primeiro ao nono ano.

Nesse ínterim, é perceptível que o ambiente escolar assume um papel fundamental, tendo em vista que é nele que observamos o surgimento de questões ideológicas, partindo da perspectiva da problematização de valores e crenças, além de ser um cenário favorável para o desenvolvimento e/ou manutenção de ações educativas em saúde. Dessa forma, Guimarães, Aerts e Câmara (2012), trazem a ideia de que se deve visualizar o ambiente escolar como um espaço de promoção de saúde, pois congrega crianças e adolescentes.

Ou seja, a escola se configura como um espaço social no qual o sujeito passa parte de sua vida, sendo um dos principais ambientes promotores de contatos interpessoais, logo, deve colaborar para o crescimento de uma educação que supere as imposições de identidade de gênero e orientação sexual que são observadas nas várias formas de relacionamentos e desenvolvimento enquanto sujeito (LEÃO, 2009; NETO, 2015).

Ademais, é importante destacar o papel colaborativo e interprofissional no âmbito da saúde e educação. Logo, evidencia-se que o trabalho interprofissional é essencial para o desenvolvimento de uma força de trabalho de saúde colaborativa preparada para a prática, na qual os profissionais trabalham juntos para prestar serviços de assistência à saúde (DA SILVA et al., 2022).

Nessa conjuntura, o estudo tem como objetivo principal relatar uma experiência, realizada numa Unidade Básica de Saúde-UBS e uma escola, a partir de uma extensão universitária de saúde coletiva e gênero.

## **MÉTODOS**

O presente estudo trata-se de um relato de experiência do tipo descritivo, que requer do investigador uma série de informações sobre o que deseja estudar, com o objetivo de descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Dessa forma, realizou-se um estudo a partir da perspectiva da abordagem qualitativa, esta refere-se ao aprofundamento da compreensão do indivíduo ou grupo estudado (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A experiência foi desenvolvida pelo projeto de extensão “Saúde Coletiva e gênero: interfaces no campo da saúde e educação”, que é composto por sete participantes, sendo cinco graduandos de psicologia, um de medicina e um professor orientador, com o intuito de levar as discussões de Saúde Coletiva e Gênero para os ambientes escolares e da Atenção Primária à Saúde.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Cada vez mais, por diferentes razões, homens e mulheres parecem necessitar de debates mais potentes no campo da saúde coletiva que levem em consideração as demandas de gênero e que possam tornar essas pautas mais inclusivas. Em detrimento disso, destaca-se a importância de inserir a problematização de gênero e sexualidade no ambiente escolar e da Atenção Primária à Saúde, uma vez que provoca o compartilhamento de percepções, corroborando para o processo de aprendizagem, bem como possibilita a abertura para novos debates e construções (SILVA; BORBA. 2018).

Ademais, a discussão de saúde coletiva e gênero nesses ambientes compromete-se com a efetivação da promoção da saúde integral, desconstruindo comportamentos normatizados e regras construídas através de gênero e das relações de poder, com isso, levando em conta as diversidades e singularidades sociais e históricas, assim como amplia a compreensão da saúde para além da perspectiva assistência médico sanitária.

As ações descritas foram realizadas entre o período de agosto a novembro de 2022, ocorreram de forma intercalada entre UBS Mendonça Clark e Escola Godofredo de Miranda. A escola, atualmente, funciona pela manhã e tarde, de maneira que os horários matutinos são reservados ao ensino fundamental I - do 1º ao 5º ano - e os horários vespertino ao ensino fundamental II - do 6º ao 9º ano. Inicialmente, foi realizado um encontro com a Coordenadora pedagógica, para compreender o funcionamento da escola e suas principais demandas, sendo violência, relatos de automutilação, gravidez precoce e práticas sobre entorpecentes as principais problemáticas descritas pela pedagoga.

Foi realizada uma segunda visita na qual os extensionistas realizaram uma observação participante nas turmas do 9º e do 8º ano, durante as aulas de ciências, com o consentimento da professor, momento em que foi realizado a apresentação dos extensionistas aos alunos, na turma do 9º foi observado apenas a aula, em que se buscou perceber como era o relacionamento daquela turma e se haveria alguma demanda não destacada pela coordenadora.

No intervalo houve uma conversa com os professores de ciências, história e coordenadora pedagógica sobre as demandas da escola e de que maneira a extensão poderia colaborar, assim como quais os temas seriam interessantes serem levados a escola, dentre eles a professora de ciências destacou: saúde mental, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência.

Após o intervalo, na turma do 8º ano, a professora de ciências sugeriu que fosse realizada uma roda de conversa para ter uma maior compreensão sobre quais temas poderíamos levar posteriormente à turma. Dessa forma, foi realizada a conversa permitindo que os temas e questionamentos surgissem dos próprios alunos de forma espontânea para abrir um debate, alguns temas tiveram mais destaque: ansiedade, depressão, perspectivas futuras e violência.

As atividades na UBS Mendonça Clark eram realizadas fixamente às quartas-feiras, pela manhã, pelos integrantes do projeto de extensão. Essa data foi fixada mediante convenção entre todos os integrantes deste projeto, por ser uma data mais cômoda e que não atritava com os horários acadêmicos. Todas as ações realizadas naquela UBS eram planejadas com antecedência em reuniões quinzenais com o orientador desse projeto de extensão. Nessas reuniões eram realizadas oficinas para construção dos materiais e pedagogias utilizados no momento da ação, como as cartilhas educativas (Figura 1 e Figura 2), além de, também, delimitar os objetivos e metodologias utilizadas para àquela ação e para àquele público-alvo.

O primeiro contato com a UBS se deu no dia 17 de agosto de 2022, quando foram apresentados aos integrantes, pela coordenadora do módulo 7 daquela UBS, a dinâmica e a estrutura do local, o fluxo de atendimentos, a equipe de ESF e as principais demandas em saúde da população adstrita. De acordo com a coordenadora, o fluxo diário na UBS era de 10 usuários previamente agendados e 15 usuários com demanda espontânea. É importante salientar que a equipe de estratégia de saúde da família era responsável por assistir um grupo de 14 gestantes e que, a população idosa do bairro era numerosa e constantemente presente na UBS. Por fim, nessa visita já ficará marcada a data da primeira ação a ser desenvolvida no local, que acontecerá no dia 31 do mesmo mês.

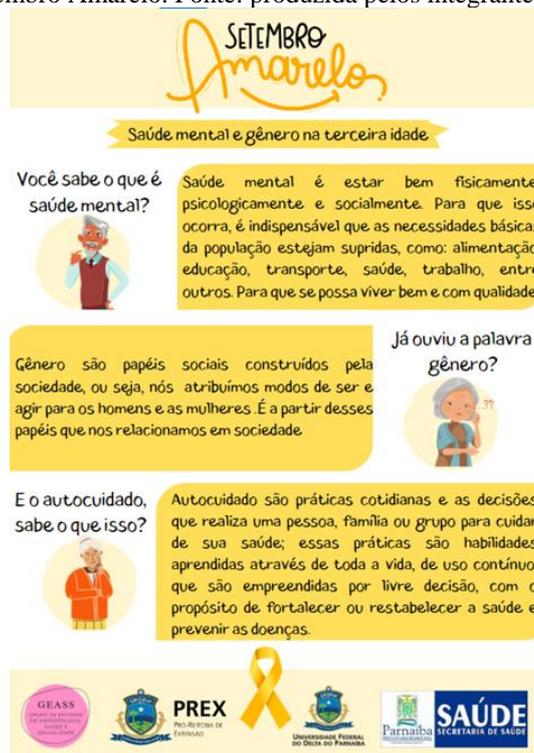
No segundo encontro, que aconteceu no dia 31 de agosto de 2022, na UBS, os integrantes do projeto de extensão desenvolveram uma ação voltada à coleta de demandas e informações daquela população e também foram aferidas a pressão arterial e a glicemia capilar dos participantes. Para a coleta de informações foi elaborado um formulário que objetivava principalmente identificar os motivos de procura à UBS, as dúvidas em relação à saúde coletiva, e quais noções tinham os participantes em relação a atenção às diversidades de gênero. A partir do material colhido, obteve-se um mapa das principais demandas de saúde daquela população e também, sugestões de temas que poderíamos trabalhar com eles.

Além disso, por meio das aferições e entrevistas realizadas, pudemos constatar um grande número de participantes diagnosticados com hipertensão arterial sistêmica (HAS) e, também diagnosticados Diabetes Mellitus (DM). Após a aferição, encontramos um perfil de participantes com níveis de pressão arterial na faixa da normalidade e também, com níveis alterados, variando de 110/70-190/80 mmHg. Os níveis glicêmicos da maioria eram normais, no entanto algumas glicemias estavam

elevadas, variando de 58-438 mg/dL. Uma amostra interessante é que determinados participantes estavam com níveis pressóricos bastante elevados apesar de estarem em tratamento para HAS. O mesmo aconteceu com participantes já diagnosticados com diabetes: níveis glicêmicos elevados apesar de estarem em tratamento com hipoglicemiantes.

No dia 28 de setembro de 2022, foi realizado o terceiro encontro na UBS, com desenvolvimento de uma roda de conversa para discutir a saúde mental, em alusão, também, ao mês de prevenção ao suicídio: setembro amarelo. Por meio de uma oficina realizada com antecedência com participação de todos os integrantes do projeto de extensão, foi criada uma cartilha (Figura 1) com informações sobre o tema, e que foi distribuída para o público presente na ação. A ação constituiu em uma roda de escuta e conversa sobre o autocuidado, em que emergiram principalmente as queixas das mulheres sobre o tema, e a necessidade de maiores atividades voltadas sobre o tema dentro da UBS, como também fora desse espaço, como ambiente familiar e comunidade em geral.

Figura 1: Cartilha Setembro Amarelo. Fonte: produzida pelos integrantes do projeto de extensão



Fonte: produzida pelos autores.

Para o quarto encontro na UBS, que ocorreu no dia 28 de outubro, os extensionistas elaboraram uma segunda cartilha (Figura 2), por meio de oficina em grupo, cuja temática era sobre prevenção do câncer de mama, em alusão ao Outubro Rosa. A ação, que foi desenvolvida na forma de uma roda de conversa, possibilitou informar os possíveis sinais de alerta que a mulher pode identificar ao realizar o autoexame de mama, a prevalência, os principais fatores de riscos, as complicações, como fazer o

rastreio e como prevenir. Além disso, possibilitou, um momento de escuta onde os usuários dispararam questões e dúvidas pertinentes, como a importância do rastreio do câncer do colo de útero por meio do exame citopatológico.

Figura 2: Cartilha sobre o câncer de mama.



Fonte: produzida pelos integrantes do projeto de extensão

## O Processo Formativo na APS

A Atenção Primária em Saúde (APS) visa um conjunto de ações coletivas e individuais, a partir de uma perspectiva interprofissional e multiprofissional, com ações que abrangem a promoção, prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e manutenção da saúde (ROSA; SILVA-ROOSLI, 2019). A Unidade Básica de Saúde (UBS) tem como um dos principais objetivos promover qualidade de vida com ações educativas que interfiram no processo saúde-doença das comunidades (BRASIL, 2017). É a partir dessa perspectiva que o projeto de extensão “Saúde Coletiva e Gênero: interfaces no campo da Saúde e Educação” trabalha na Unidade Básica de Saúde Mendonça Clark, inserindo os estudantes em campo para desenvolver uma formação reflexiva e crítica sobre sua própria atuação, além de permitir um trabalho interdisciplinar entre os extensionistas do curso de medicina e psicologia.

O processo de territorialização iniciou-se em setembro de 2022, e tem como função principal conhecer a realidade local, saber as características das pessoas da comunidade, o nível de relação entre a comunidade e os serviços de saúde, conhecer particularidades do processo saúde-doença da população adscrita, e assim, promover ações adequadas às necessidades da população (MACHADO *et al.*, 2015). Durante a inserção dos estudantes no dispositivo foi realizado conversas entre os profissionais da UBS, como enfermeira chefe e alguns Agentes Comunitários de Saúde (ACS), para saber o cotidiano da UBS. Após esses encontros, a partir das informações coletadas foi formulado um questionário no *Google Forms* para ser aplicado aos usuários que estavam presentes no dispositivo.

Concomitante a aplicação do formulário, foi realizado a verificação da glicemia e pressão arterial, sendo que a maioria dos usuários presentes eram adultos acima dos 45 anos de idade, com prevalência de idosos, tendo em vista, que era uma das demandas apresentadas pelos profissionais da UBS, e que seria uma forma de estabelecer um vínculo com a comunidade, sendo importante para continuidade das ações e interesse dos usuários em participar e engajar nas atividades futuras (SALCI *et al.*, 2013). É relevante ressaltar que os usuários já eram diagnosticados com pressão alta, a ação teve o propósito de averiguar como estava o seguimento da doença, além de informar hábitos de vida que favoreçam a qualidade de vida dos usuários.

O formulário foi aplicado com 12 usuários que estavam presentes na unidade, 83,3% (10) são do sexo feminino, e 16,7% (2) são do sexo masculino, com a faixa etária de 45 a 82 anos de idade. O número significativo de mulheres expressa o lugar de cuidado que é depositado para a mulher socialmente, enquanto para o homem a necessidade de cuidado é tida como fragilidade, o que dificulta a procura pelos serviços de saúde (BRASIL, 2008). Com o intuito de formular atividades com base nas necessidades dos usuários foi perguntado quais temas poderiam ser abordados na Unidade Básica de Saúde, com isso, algumas respostas trouxeram as questões de gênero como relevante, como expresso na fala de alguns usuários “violência doméstica” e “saúde da mulher”, como também temas relacionados a saúde alimentar e saúde mental.

De acordo com a gama de temas que poderiam ser abordados, foi escolhido ter como referência as campanhas de conscientização, desenvolvendo ações com linguagem simples e acessível, alertando sobre algumas patologias e incentivando a participação dos usuários. Desse modo, as ações foram realizadas em formato de roda de conversa, sensibilizando o usuário a se tornar participativo e contribuir com suas experiências, permitindo que possa visualizar elementos do âmbito individual ou coletivo que possam interferir na qualidade de vida (SALCI *et al.*, 2013). Tendo como espaço de intervenção a sala de espera da unidade, onde os pacientes aguardam atendimento é relevante estar atento a alguns elementos habituais desse espaço que tornam desafiantes as ações, necessitando de agilidade na troca

de informações para os usuários, pois o participante pode sair da roda no instante seguinte, além de estar atento aos novos participantes que se agregam ao grupo.

A primeira roda de conversa foi em alusão ao Setembro Amarelo com o título “Saúde Mental e Gênero na terceira idade”, em que foi confeccionado um folder e distribuído aos usuários da unidade. A ação teve como objetivo refletir sobre os papéis de gênero e como essas atribuições interferem na saúde mental de idosos. Ao decorrer da ação os participantes da roda expressaram suas opiniões e experiências pessoais, além de trazer elementos que ajudavam a superar alguns problemas pessoais. Outro ponto interessante, é a interação dos usuários, demonstraram atenção e receptivos em colaborar com as falas dos outros participantes.

A segunda roda foi sobre Outubro Rosa com o título “Câncer de mama: um toque pela vida”, em que também foi realizada a confecção de um folder e distribuído ao público. A roda contou com a participação de homens e mulheres, que inicialmente relataram o que conheciam acerca do câncer de mama, além de contar sobre as experiências com familiares acometidos pela doença. Além disso, foi ressaltado a importância do autoexame e estar atento aos sinais de alerta, como também a importância dos dispositivos de saúde na prevenção e tratamento.

Ao final de cada roda de conversa, foi pedido *feedback* sobre a ação realizada aos participantes que demonstraram em suas falas a importância de atividades que aproximam os estudantes da área da saúde da comunidade, assim como, da necessidade de maior visibilidade de temas sobre saúde mental e câncer. Conforme Oliveira e Goulart (2015), às ações de extensão universitárias possibilitam atividades de colaboração entre estudantes, profissionais e usuários do serviço, permitindo a troca de saberes e a socialização entre esses diferentes atores.

## **Desenvolvendo Práticas e Saberes na Escola**

As atividades desempenhadas nas práticas do projeto de extensão na escola municipal Godofredo de Miranda - Parnaíba, PI - no ano de 2022, apontam atravessamentos importantes a serem discutidos e observados diante das demandas e queixas apresentadas pelos alunos e professores. Primeiro, entender em que situação social, econômica e geográfica a escola se situa apontam para algumas pistas importantes dos temas levantados. Pelo último censo de 2010 (IBGE, 2010), o bairro São José, onde a escola está localizada, contava com um total de 5.576 habitantes, onde 2506 eram do sexo masculino e 3070 era do sexo feminino. Segundo a Coordenadora Pedagógica da escola municipal Godofredo de Miranda, as atividades escolares se encontram em meio a um território marcado de violência em decorrência da disputa de território pelas facções presentes no bairro (FIGURA 1), tais disputas permeiam o próprio funcionamento e vida diária dos alunos e de todo o corpo escolar. Esse dado só

corroborar com o último Monitor de Violência divulgado no ano de 2022 criado pelo G1 e o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP), em conjunto também com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (GLOBO, 2022).

Figura 3: Imagem de um dos banheiros da escola.



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

O levantamento denuncia que o Estado do Piauí teve o terceiro maior crescimento de crimes violentos do Brasil no ano de 2021 (GLOBO, 2022), a qual a cada 24 horas duas vidas são ceifadas no Piauí. A relação com o aumento de crimes e mortes em 11% ao ano anterior de 2020, está diretamente ligada ao crescimento da violência e da batalha por território de facções no litoral, em que segundo a matéria do G1 Piauí com os dados do relatório, demonstra que depois da capital Teresina a cidade de Parnaíba é responsável pelo segundo maior índice de violência e morte do Estado, com 19% dos crimes de violência principalmente ligados ao tráfico (GLOBO, 2022).

Isso implica diretamente em como a violência atravessa territórios e instituições como a escola Godofredo de Miranda e como a violência de gênero é fomentada em todas as estruturas sociais. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, na seção dos dados sobre feminicídio e violência contra meninas e mulheres, nos dados do anuário a proporção de homicídios femininos que são classificados como feminicídios, o Piauí pontua com 50, os dados relacionados a taxa de feminicídio por 100 mil mulheres nacional é de 1,2, o Piauí pontua acima da média nacional com 2,2 casos a cada 100 mil mulheres, quando é relacionado a taxa de homicídios femininos o valor é maior, cerca de 4,4 (BRASIL, 2022).

O território marcado diante das situações de violência por facções emite um alerta a quais práticas institucionais deliberam a realização insurgente para a observação relacional das estruturas como medida de fomentos potentes diante da realidade. Demarcada assim por violência, em que raça, gênero e educação andam juntas, principalmente quando nas práticas e observações realizadas na escola Godofredo de Miranda, coloca o tráfico como vetor problema, de forma acentuada, dentro da instituição. Gomes-Madeiro et al (2019), revela ser uma prática biopolítica sobre o território e os corpos,

relacionando o tráfico em todos os planos presentes na vida do sujeito, onde a vivência no rastro da realidade dessas pessoas muitas das vezes é marcada por morte e prisão. E essa prática é biopolítica, a qual a realidade do Brasil é encarcerar corpos - seja em prisões ou manicômios - dentro do território como atividade de combate a violência, ao invés de ser tratado como um problema de saúde pública sem traços de vigília e punição, bem como, a saúde coletiva e que o aparato institucional não sirva ao interesse privado e de higienização (GOMES-MADEIRO ET AL, 2019).

A violência de gênero está presente em nosso território tanto quanto outros construtos da mesma, que segmentam e recriam na vida diária estruturas fundantes das ações e relações afetivas, o que irá produzir corpos doentes, como relata Aiquoc et al (2022), que a exposição a violência diante de um contexto de vulnerabilidade em conjunto a um estresse causado pelo ambiente, reforça além de problemas duradouros, sendo muitos deles irreversíveis, principalmente no seio escolar. Essa informação se correlaciona às queixas apresentadas pelos alunos da escola Godofredo de Miranda.

Logo, na escuta e observação feita pela extensão com alunos do sexto ao oitavo ano, muitos relatam estresse, ansiedade, depressão e preocupação com o futuro. Se por um lado Aiquoc et al (2022), relata que meninas e meninos adolescentes sofrem diferentes formas de violência relegada a condição de gênero pertencente, como estupro (58%), atentado ao pudor (29%), são acometidos principalmente entre meninas de 10 a 19 anos. Já os meninos estão diante de violências consideradas como uma endemia social, onde no Brasil há cerca de 31,3 mortes por 100 mil habitantes, muitos dessas mortes associadas ao tráfico de drogas e do crime organizado (Aiquoc et al, 2022).

Outro atravessamento feito na observação das práticas é o de raça, majoritariamente as crianças e adolescentes da escola Godofredo de Miranda são pretas. O que segundo Malta et al (2021), só em 2016 mais de 56 mil óbitos foram de homicídios entre jovens com faixa etária de 15 a 29 anos, e desse percentual 77% eram jovens pretos. Segundo a Agência Brasil de Comunicação - EBC, mais de 64% das crianças e adolescentes que compõe o trabalho infantil são pretas, 89% de homicídios na faixa etária de 10 a 19 anos são crianças e adolescentes pretos, assim como meninas entre 10 e 14 anos que enfrentam gravidez na adolescência 75% são pretas e que uma criança preta tende três vezes mais a abandonar a escola que as demais crianças e adolescentes brancos (BRASIL, 2020). No estudo levantando por Malta et al (2021), que elabora um levantamento da mortalidade entre adolescentes e adultos jovens no Brasil entre 1990 e 2019, a principal causa do aumento da violência e número de homicídios no país está concebida pela migração das facções do sul para as regiões norte e nordeste, principalmente em regiões de fronteiras que tem como atividade comum o tráfico de drogas.

Os dados relatados também empenham extrema necessidade das instituições em travar atividades voltadas a saúde coletiva em espaços importantes, como a escola, o que acarretaria em investir no enfrentamento às desigualdades sociais no território, o combate a cultura patriarcal que desempenha o

processamento de violências e provoca traumas a saúde de meninas crianças e adolescentes, o investimento em educação na promoção a mobilidade econômica e garantia de um futuro a jovens adolescentes para além das batalhas de território fomentadas pelo tráfico (Malta et al, 2021).

Além da relação de violência de gênero, a de raça entra como norte de entendimento de diversas queixas apresentadas por professores e alunos da escola Godofredo de Miranda, quando Frantz Fanon (2008, p. 94), diz “Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obriguei o branco a reconhecer a minha humanidade”, ele inteiramente denuncia o lugar do corpo preto, de ser alvo das demandas da biopolítica de um Estado e práticas de sociais que escolhe corpos e seus instrumentos de violência de caráter indiscriminado a partir da cor, afinal, para pessoas pretas a humanidade é um direito a ser conquistado com luta.

Como Fanon (2008, p. 104) conclui, “o conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação”; visto a crescente prática de estupros a corpos em maioria de meninas pretas, do corpo do adolescente preto ser alvo de facções e lutas de território, o que causa assim corpos marcados e acarretando doenças, sem o direito de decidir o seu futuro e o conhecimento de si. Muitos dos alunos e professores da escola Godofredo de Miranda são marcas dessa estrutura de violência adoecedora que precisa assumir um caráter de intervenção à saúde da escola como um todo, assim como reconhecer que essa seja uma luta coletiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A extensão universitária é uma importante ferramenta de construção, diálogo e desenvolvimento que estabelece uma ponte entre a academia e a comunidade. No presente relato foi possível compreender diversos atravessamentos nos dispositivos de campo, principalmente quando pautados na saúde coletiva e as reverberações do gênero. Nesse sentido, com as ações desenvolvidas sob uma prática com olhar interprofissional houve diferentes construções de perspectivas, como a expansão dos saberes acerca da saúde, desconstruções acerca das diferenciações de gênero, desenvolvimento de práticas para a melhoria da saúde mental e do funcionamento da comunidade a partir das afetações presentes em campo.

Tais ações permitiram atravessamentos e diálogos desde um público mais novo como as crianças e adolescentes da escola, ao público de adultos e idosos como os usuários da UBS. Além disso, estavam integrados ao debate e ações os próprios profissionais que compõem os dois dispositivos. Nessa perspectiva, tornou-se possível a compreensão do campo, bem como tecer novos olhares acerca da realidade que os cercam, tendo em vista a violência e o tráfico de drogas como emergentes nessa comunidade.

Destarte, o trabalho desenvolvido nos dispositivos de saúde em consonância com a educação foi de suma importância para o desenvolvimento acadêmico, dos extensionistas como futuros profissionais e da comunidade que não estava como objeto de estudo, mas de produção de cuidado e conhecimento.

## REFERÊNCIAS

AIQUOC, K. M. SILVA, M. R. L. da. BARBOSA, I. R. Capítulo 17 - A cor da morte: história e reflexão sobre a naturalização da violência contra a juventude no Brasil. Mossoró, RN: Edições UERN, 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Isabelle-Barbosa/publication/367569431\\_HORIZONTES\\_E\\_REALIDADES\\_EM\\_SAUDE\\_COLETIVA\\_A\\_PRODUCAO\\_DO\\_CONHECIMENTO\\_NO\\_PROGRAMA\\_DE\\_POS-GRADUACAO\\_EM\\_SAUDE\\_COLETIVA\\_PPGSACOLUFRN/links/63d91fc3c465a873a271d0ae/HORIZONTES-E-REALIDADES-EM-SAUDE-COLETIVA-A-PRODUCAO-DO-CONHECIMENTO-NO-PROGRAMA-DE-POS-GRADUACAO-EM-SAUDE-COLETIVA-PPGSACOLUFRN.pdf#page=197](https://www.researchgate.net/profile/Isabelle-Barbosa/publication/367569431_HORIZONTES_E_REALIDADES_EM_SAUDE_COLETIVA_A_PRODUCAO_DO_CONHECIMENTO_NO_PROGRAMA_DE_POS-GRADUACAO_EM_SAUDE_COLETIVA_PPGSACOLUFRN/links/63d91fc3c465a873a271d0ae/HORIZONTES-E-REALIDADES-EM-SAUDE-COLETIVA-A-PRODUCAO-DO-CONHECIMENTO-NO-PROGRAMA-DE-POS-GRADUACAO-EM-SAUDE-COLETIVA-PPGSACOLUFRN.pdf#page=197). Acesso em: 07 de fevereiro de 2022.

BRASIL. Agência Brasileira de Comunicação. Racismo e violência contra criança e adolescente são desafios do país. Rio de Janeiro, publicado em 13/07/2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-07/racismo-e-violencia-contracrianca-e-adolescente-sao-desafios-ao>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2008). Política nacional de atenção integral à saúde do homem. Secretaria de atenção à saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Cad. Saúde Pública 2019; 35(7): e00242618. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/JJ5FM4Lk4RctsyTwbhFpfdk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 fev. de 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021.**

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFNA, 2008.

GOMES-MEDEIROS, D. FARIA, P. H. de. CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. TÓFOLI, Luís Fernando. Políticas de drogas e saúde coletiva: diálogos necessários.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

MACHADO, T. M. G. *et al.* A roda de conversa como ferramenta de planejamento de ações:: relato de experiência. **Revista Gestão & Saúde**, [S. l.], n. 1, p. pag. 751–761, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/2707>. Acesso em: 8 fev. 2023.

MALTA, D. C. MINAYO, M. C. de S. CARDOSO, Laís Santos de Magalhães. VELOSO, Guilherme Augusto. TEIXEIRA, Renato Augusto. PINTO, Isabella Vitral. NAGHAVI, Mohsen. Mortalidade de adolescentes e adultos jovens brasileiros entre 1990 e 2019: uma análise do estudo Carga Global de

Doença. Ciênc. saúde coletiva 26 (09) 27 Set 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.org/article/csc/2021.v26n9/4069-4086/>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2023.

MARTINS, A. G.; LUZ, M. E. S. S. da.; NOGUEIRA, F. J. de S. Desafios e potencialidades no debate de gênero e sexualidade: uma revisão integrativa. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 7, n. 2, p. 151–168, 2021. DOI: 10.22289/2446-922X.V7N2A10. Disponível em:

<https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/775>. Acesso em: 10 fev. 2023.

OLIVEIRA, F.; GOULART, P. M. Fases e faces da extensão universitária: rotas e concepções. *Rev. Ciênc. Ext.*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 8-27, 2015.

ROSA, N. B.; SILVA-ROOSLI, A. C. B. da. A psicologia na atenção básica: possibilidades de intervenção na promoção e prevenção à saúde. *Rev. Psicol. Saúde, Campo Grande*, v. 11, n. 2, p. 99-114, ago. 2019.

SALCI et al. Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões. *Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis*, v. 1, n. 22, p.224-230, mar.

2013.<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2019000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000200008&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 08 fev. 2023.

<http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v11i2.654>

SILVA, C. G.; BORBA, P. L. Encontros com a diferença na formação de profissionais de saúde: juventudes, sexualidades e gêneros na escola. **Saúde e sociedade**. v. 27, n. 4, p. 1134-1146. 2018. doi: 10.1590/S0104-12902018170274